



O EXÉRCITO E A REPÚBLICA

Dizer que o Exército cresceu com a República e com ela se engrandeceu é quase um truismo. Germinando, de há muito, sob o calor da propaganda inflamada de homens da estatura de Silva Jardim, Lopes Trovão e principalmente Benjamim Constant, a semente republicana teria fatalmente de brotar, crescer e fortalecer-se na mesma razão em que o trono se debilitava e finalmente ruía. Nem mesmo a Lei Áurea, libertando definitivamente os escravos, em 1888, foi capaz de sustar o movimento republicano que, afinal, a 15 de novembro do ano seguinte, despontou e venceu. De seu lado, a despeito do carácter magnânimo, bondoso e mesmo liberal do mais democrata dos imperadores, tal qual foi Pedro II, o Exército tinha velhas contas a ajustar com a monarquia. O prestígio de grandes chefes militares, tais como, entre muitos, Osório, Andrade Neves, Argolo, Sampaio e Caxias, embora conquistado com o próprio sangue e sacrifícios sem conta nas campanhas do Prata e do Paraguai, levantava-se como um espantinho para a coroa. É fora de dúvida que o Exército foi pôsto à margem, depois do Paraguai e os seus chefes caíram no ostracismo. E seja devido ao esgotamento que as lutas sucessivas impuseram ao tesouro imperial ou ao próprio carácter pacífico do imperador, o facto é que as verbas militares eram insignificantes e,

além disso, os quartéis eram sórdidos, o regime disciplinar refletia a dureza da própria escravidão e a instrução limitava-se a exercícios de ordem unida, com fanfarras barulhentas, todo o Batalhão em forma, Coronel à frente, na praça da matriz, lá uma vez ou outra. Pode dizer-se que o Exército vegetou e mesmo apodreceu nos quartéis em todo o nostálgico período que mediu entre 1870, quando embainhou a sua invencível espada e 1889. Eis porque, quando os alicerces do trono começaram a se abalar, sob a pressão dos fatos econômicos e das novas idéias político-sociais, o Exército, presto, formou entre aquêles que ajudaram a sua queda. Já em 1870, no célebre "Manifesto republicano", encontravam-se assinaturas de militares, tais como o futuro Coronel honorário de Engenheiros Luiz Vieira Ferreira. Afinal, a propaganda ardorosa de Benjamim Constant e a chamada "questão militar", culminando na propalada transferência de Deodoro para Mato Grosso, precipitaram os acontecimentos. O velho marechal, mesmo doente, ergue-se de seu leito, coloca-se à frente das tropas e proclama a República. Daí por diante, Exército e República dão-se as mãos e se agigantam. Floriano sustenta-a e consolida-a, quando pruridos monarquistas e revolucionários se manifestam na Capital e no Rio Grande do Sul e, nessa crise, é ainda um militar de fibra, o heróico General Gomes Carneiro quem salvou a República, embora com o sacrifício da própria vida, na cidadela da Lapa, em 1893. Logo nos albores do novo regime, sentiu-se a influência benéfica das novas idéias e a ação dos novos homens que assumiram as rédeas do poder. A indústria ganhou alento. O comércio cresceu. Os negócios se desenvolveram fácil e espantosamente, a ponto de gerarem o "cracking" denominado "encilhamento", suportado complacentemente pelos dirigentes do país, que viam nêle a cortina de fumaça capaz de desviar a atenção do povo das sérias dificuldades que o governo enfrentava. Tibúrcio, o próprio Gomes Carneiro, depois Rondon, começaram a palmilhar os sertões de Mato Grosso, cortando-o com linhas telegráficas. Encurtavam-se, assim, as enormes distâncias que separavam e isolavam as antigas províncias do império. Plácido de Castro, também militar, conquista o Acre. Afinal, resolvidas tôdas as questões de fronteira, ou sejam, as

questões externas, por intermédio do grande Barão de Rio Branco, o Brasil ganhava prestígio no conceito das nações e preparava o ambiente necessário para, na ordem interna, desenvolver os seus imensos recursos. Daí por diante, de fato, o progresso se acentua, tanto no Exército, como no país. Um é, por assim dizer, o reflexo do outro. Em 1910, Hermes na pasta da Guerra, surgiu a primeira grande reforma do Exército, no sentido de modernizá-lo e sacudi-lo do torpor em que se encontrava. Erguem-se quartéis. Compra-se material. Reorganizam-se os quadros de Unidades, oficiais e praças. Baixam-se novos regulamentos. U'a missão militar é enviada à Europa. A imigração, a essa altura, se intensificara e o café, agora trabalhado pelo braço livre de colonos, dava-nos os encouraçados "Minas Gerais" e "S. Paulo", dois cruzadores, dez "destroyers" e um dique flutuante. Era tôda uma esquadra que adquiríamos. Em 1914, participamos da guerra européia com u'a missão médica e uma flotilha de "destroyers" e, durante o seu transcorrer, lançamos, definitivamente, os alicerces da nossa grandeza industrial. Findo o conflito, surge o grande Calógeras, no governo Epitácio. Nova lufada de progresso no Exército. Mais de 100 quartéis modernos substituem, em todo o país, os pardieiros de telha vã onde o Exército se abrigava. Pouco antes fôra contratada u'a missão militar francesa, sob as ordens de renomado chefe, o General Gamelin. Durante 20 anos pontuou e, até hoje, ainda se fazem sentir os benéficos efeitos de sua atuação, no Exército. No país, por seu turno, ia febril a atividade construtora, em todos os setores. A Central atinge Pirapora (1910). A Noroeste, em 1914, salta sôbre o Paraná e lança-se no rumo de Pôrto Esperança. A Leopoldina alcança Vitória, também em 1910 e, nesse mesmo ano, a S. Paulo-Rio Grande, terminada, permite a ligação do Rio com a terra gaúcha. Em 1912, a Madeira-Mamoré é concluída. Cada dormente custou uma vida, mas resolveu-se um problema de comunicações. Ao todo, a República deu-nos, até hoje, quase 30 mil quilômetros de vias férreas. O próprio Exército cooperou e ainda coopera nessa ingente obra, rasgando o país com ferrovias e rodovias. Em 22, 24, 26 e 30, ou no chamado ciclo revolucionário, o Exército, irmanado com o povo, vibra com êle, luta com êle e por

êle para resolver as crises do momento. Nenhum fica devendo nada ao outro, pois o Exército é o próprio povo em armas. Juntos sofreram, juntos perderam e ainda juntos ganharam. Saem fortalecidos das pugnas e é coisa digna de registo: em tôdas as lutas jamais puseram em jôgo a estabilidade do regime republicano, democrático e federativo que, juntos, escolheram em 89. Questões de detalhes, mas nunca de princípios os agitaram. Em 1945, participamos da segunda guerra européia, desta vez não simbolicamente, mas com a força de tôda uma Divisão Expedicionária, forte de 25.000 homens e que de lá voltou coberta de louros. O Exército proporcionou, então, enorme prestígio à República, desfrutado até o presente. E, com a guerra, aumentamos o nosso potencial-bélico e as nossas indústrias tomaram gigantesco e decisivo desenvolvimento. Hoje, a produção industrial do país é avaliada em 80 bilhões de cruzeiros. Ao ensejo de mais um 15 de novembro, congratulemo-nos, pois, com o Exército e a República e honremos os seus primeiros e grandes vultos comuns:

Benjamin Constant, o propagandista!

Deodoro, o proclamador!

e

Floriano, o consolidador!

